

**A EDUCAÇÃO CRÍTICA NA ESCOLA NACIONAL FLORESTAN FERNANDES -  
GUARAREMA, SÃO PAULO: NARRATIVAS DE VIDA E DE FORMAÇÃO.<sup>1</sup>**

***CRITICAL EDUCATION AT FLORESTAN FERNANDES NACIONAL SCHOOL -  
GUARAREMA, SÃO PAULO: NARRATIVES OF LIFE AND FORMATION.***

***EDUCACIÓN CRÍTICA EN LA ESCUELA NACIONAL DE FLORESTAN -  
FERNANDES, GUARAREMA, SÃO PAULO: NARRATIVOS DE LA VIDA Y LA  
FORMACIÓN.***

*Vladimir Ferreira Gama*

[vladgama.vg@gmail.com](mailto:vladgama.vg@gmail.com)

Mestre em Políticas Públicas (UMC)

*Francisco Carlos Franco*

[prof.franfranco@gmail.com](mailto:prof.franfranco@gmail.com)

Doutor em Educação (PUC-SP)

*Andrea Marinho*

[marinhoarb@gmail.com](mailto:marinhoarb@gmail.com)

Doutora em Educação (UNINOVE)

*Renan Antonio da Silva*

[r.silva@unesp.br](mailto:r.silva@unesp.br)

Doutor em Educação Escolar (UNESP)

*Luci Mendes de Melo Bonini*

[lucibonini@gmail.com](mailto:lucibonini@gmail.com)

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP)

## **RESUMO**

Estuda-se o papel da Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), sediada na cidade de Guararema, estado de São Paulo, na vida e na educação de membros de movimentos sociais diversos, incluindo, se aí, o Movimento Sem Terra (MST). O estudo tem como objetivo descrever a educação Escola Nacional Florestan Fernandes por meio das narrativas dos estudantes que demonstram como ocorre a formação de lideranças do Movimento Sem Terra.

---

<sup>1</sup> Pesquisa resultante da Dissertação de mestrado no âmbito do Programa de Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes, concluída em Julho de 2017.

Este trabalho é uma pesquisa exploratório-descritiva com abordagem qualitativa de corte transversal em que, além do material bibliográfico, desenvolveu entrevistas com cinco discentes, uma coordenadora geral e um coordenador pedagógico. Os participantes foram selecionados a partir dos sujeitos que se encontravam na ENFF nos meses de março a abril de 2017. As entrevistas foram de natureza individual e em determinados aspectos foram estruturadas com questões previamente formuladas, mas também como oportunidades de falas abertas. Resultados demonstraram que alunos e educadores buscam a emancipação por meio de uma consciência crítica do papel da educação para um sujeito que crie sua própria história.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais. Educação problematizadora. Formação política. Consciência crítica.

### ABSTRACT

This paper presents the role of Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), Guararema, in São Paulo State, Brazil in life and in the education process of students of the various social movements including Movimento Sem Terra – Without land Movement (MST). This study is focused on describing education developed in ENFF, whose foundation is based in the liberating pedagogy of Paulo Freire. This research is an exploratory-descriptive research with a qualitative approach. 7 participants were invited along 2017, between March and April. Interviews happened one by one, some questions were previously formulated, but some facts about the life of the participants came to the conversations, and all was registered. Results have demonstrated that students and educators seek emancipation through an awaken of a critical consciousness of the role of education in the life of individuals that can create his/her own history.

**Palavras-chave:** Social Movements. Problem based education. Political formation. Critical conscience.

### RESUMEN

Este artículo presenta el papel de Escuela Nacional Florestan Fernandes (ENFF), en la ciudad de Guararema, en el estado de São Paulo, Brasil en la vida y en el proceso educativo de estudiantes de los diversos movimientos sociales, incluido Movimiento Sin Tierra - (MST). Este estudio se centra en describir la educación desarrollada en ENFF, cuya base se basa en la pedagogía libertadora de Paulo Freire. Esta investigación es una investigación exploratoria-descriptiva con un enfoque cualitativo. 7 participantes fueron invitados a lo largo de 2017, entre marzo y abril. Las entrevistas sucedieron una por una, algunas preguntas fueron formuladas previamente, pero algunos hechos sobre la vida de los participantes llegaron a las conversaciones y todos se registraron. Los resultados han demostrado que los estudiantes y

los educadores buscan la emancipación a través de un despertar de una conciencia crítica del papel de la educación en la vida de las personas que pueden crear su propia historia.

**Palabras clave:** Movimientos sociales. Educación basada en problemas. Formación política. Conciencia crítica.

## INTRODUÇÃO

A luta pela terra faz parte da vida do ser humano desde tempos remotos. No Brasil, nos últimos anos, a reforma agrária foi muito discutida, esteve na pauta de discussões em vários governos, mas muito pouco de objetivo, de reforma agrária mesmo, foi feito. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, mais conhecido como Movimento dos Sem Terra, ou simplesmente MST, é um movimento social de massa, que luta basicamente por terra, pela reforma agrária e por mudanças na sociedade, visando uma vida melhor para todos (CALDART, 2001).

O estudo tem como objetivo descrever a educação Escola Nacional Florestan Fernandes por meio das narrativas dos estudantes que demonstram como ocorre a formação de lideranças do Movimento Sem Terra, movimento social brasileiro que luta pela reforma agrária e assentamento das famílias sem terra.

A origem do MST remonta nas lutas isoladas por terras no sul do Brasil, com destaque para as ocupações das Fazendas Macalli e Brilhante, em 1979, no Rio Grande do Sul e em 1980, a Fazenda Annoni - também no rio Grande do Sul, a Fazenda Burro Branco, em Santa Catarina; a Fazenda Primavera, em Andradina, São Paulo e pouco depois ainda no Rio Grande do Sul, 700 famílias acamparam em Encruzilhada Natalina, município de Ronda Alta (MORISSAWA, 2001).

Oficialmente o MST foi fundado em janeiro de 1984, na cidade de Cascavel, no Paraná, durante o 1º Encontro Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que teve a participação de representantes de 12 estados da federação. Em meados de 1990, o MST já estava presente em 23 das 27 unidades federativas do país. Segundo dados do movimento, em 2003, quase 20 anos após a criação do MST, pelo menos 7 milhões de hectares de terras haviam sido distribuídas na luta, um território do tamanho da Irlanda. (CARTER, 2006)

Desde a sua criação, o MST vem desenvolvendo sua estrutura fundada na luta pela terra e segundo Morissawa (2001) nesse processo: “O estudo e a reflexão são práticas permanentes no interior do Movimento. O confronto de teorias políticas, econômicas e sociais fornecem as bases para a formação de estratégias de luta em escala tanto local, quanto nacional e internacional.” (MORISSAWA, 2001, p. 204)

A mesma autora detalha as principais frentes do movimento: i) Frente de Massa – como os membros se organizam nos acampamentos, enfrentamentos, manifestações e na conquista de terra; ii) Setor de Formação - formação sociopolítica por meio de cursos periódicos de formação políticas e iii) Setor de Produção - novas relações de produção, a cooperação agrícola.

## **MÉTODO**

O que interessa neste trabalho é a formação, e, neste sentido, deu-se voz aos educandos e educadores da escola de modo que se pudesse juntar nessas falas, um conjunto que esclarecesse a importância do trabalho de formação: como ele ocorre e qual ou quais consequências essa formação traz para a vida das pessoas que por lá passam.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Mogi das Cruzes, sob parecer de número: 1.881.983, em 26 de dezembro de 2016.

Esta é uma pesquisa exploratório-descritiva de abordagem qualitativa. Os 7 participantes se dividem em 5 estudantes e 2 educadores. De 7 sujeitos entrevistados na ENFF, seis são filhos de trabalhadores rurais, e um, urbano. Todos nasceram em regiões onde existia e ainda existe, o monopólio da terra. Quatro são de regiões de extrema pobreza do Nordeste Brasileiro, um do centro oeste, e dois da região sul, o berço do MST.

A coleta de dados se deu na própria escola, no período de Março a Abril de 2017, por meio de uma entrevista semiestruturada a fim de que os participantes se sentissem livres para expor suas crenças, seus valores e sua história de vida.

A ENFF foi inaugurada no dia 23 de janeiro de 2005 e fica em Guararema, região do Alto Tietê, a 60 quilômetros da capital paulista. Foi inteiramente construída pelos Sem Terra, desde a fabricação dos tijolos. Ela dispõe de cursos livres de filosofia de pensamento

brasileiro, de teoria econômica e história, e, também, oferece cursos dirigidos para atividades específicas como cultura e comunicação, estudos latino-americanos (economia, história, geografia), e núcleos de atividades temáticas, com seminários, conferências, grupos de estudos e palestras.

## **NARRATIVAS DE VIDA E DE FORMAÇÃO NO PROCESSO DA EDUCAÇÃO CRÍTICA**

O sujeito 01 revela sua origem e de sua família, numa das regiões mais secas da região nordestina.

Nasci ali numa cidade do interior da Paraíba. No nordeste brasileiro, região semiárida, eu sempre vivi nessa região. No centro do estado tem uma região, um recorte geográfico, que ficou conhecido inclusive nos livros Josué de Castro, e de outros escritores, quando escrevia Geografia da Fome (...) que se chama o polígono das secas (...) não tem nenhuma condição de produção no campo, criar bode no máximo naquelas serras ali, pedras e cactos e toda essa história. (...) e dentro desse polígono a gente tem mais duas Mesoregiões, uma é o Curimataú, que não tem em outros estados do nordeste (...) e o outro é o Seridó. (...) Aquela paisagem cinzenta mesmo, que caracteriza essa situação no nordeste. Eu to nessa região, eu sou curimataúzeiro como se diz.

Sobre essa região, Castro (1992) detalha que:

A chamada área do sertão nordestino se estende desde as proximidades da margem direita do Rio Parnaíba, no seu extremo norte, até o Rio Itapicuru, no seu extremo sul, abrangendo as terras centrais dos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, numa extensão territorial de 670.000 mi quilômetros quadrados, (...) nesta extensa área semiárida que constitui a hoje chamada polígono das secas, vivem cerca de 7 milhões de habitantes, num regime que tem como alimento básico o milho. (CASTRO, 1992, p. 175-176).

E essa região de fome, faz suas vítimas, na maioria das vezes crianças e idosos. A família do sujeito 01 fazia parte desses 7 milhões de pessoas do polígono da seca, e assim ele declara:

Sou filho de uma família grande, eu sou o sexto filho de uma família de 13, contando dos mais velhos pros mais novos, somos uma escadinha. Dois, um irmão e uma irmã, mais velhos, morreram, morreram quando eram bem crianças ainda por desnutrição mesmo.

Nessa mesma região vivia, também, a família do sujeito 05, que também conheceu a fome, mesmo trabalhando na zona rural.

Sou do estado de Pernambuco, venho do sertão. (Santa) Maria da Boa Vista, pertinho de Petrolina, meu pai é de Exu e minha mãe do Piauí, e eu sempre fui criada na zona rural, bem na zona rural, bem distante da cidade (...) a nossa vida é sempre trabalhar na roça para ter alguma coisa, minha mãe e meu pai sempre batalharam juntos, mas sempre teve dificuldade de passar fome (...) O meu lugar de onde eu venho é só prostituição e cachaça.

Castro (1992) explica que a fome no Polígono das Secas, acontece em surtos epidêmicos.

Surto agudos da fome que surgem com as secas, intercalada ciclicamente com os períodos de relativa abundância que caracterizam a vida do sertanejo, nas épocas de normalidade. As epidemias de fome dessas quadras calamitosas não se limitam, no entanto, aos aspectos discretos e toleráveis das fomes parciais, das carências específicas (...) são epidemias de fome global quantitativa e qualitativa, alcançando com incrível violência os limites extremos da desnutrição e da inanição aguda atingindo indistintamente a todos (..) fazendeiros abastados e trabalhadores do eito, homens, mulheres e crianças, todos açoitados de maneira impiedosa pelo terrível flagelo das secas. (CASTRO, 1992, p. 175)

A família do sujeito 06 é mais uma que vive no polígono das secas nordestino. O pai, saindo da região por falta de trabalho, deixava a família para buscar sustento fora. E a fome tomada conta do ambiente.

Filha de pessoas que sempre foi do campo que antes trabalhava em fazenda, para fazendeiros, e sou, tenho mais quatro irmãos (...). Isso é no Maranhão, Açailândia né a cidade que eu nasci, em Açailândia, vivi toda minha vida em um só lugar, em Açailândia, e aí depois conhecer outra cidade que é Bom Jardim que foi que eu fui morar no campo (...) Alguns fazendeiros que eram bem ruim, sabe, acho que todos na verdade, que chegou ao caso de jogar minha família na rua com cinco filhos, meu pai minha mãe, e eles ter que se virar, para conseguir uma casa para seguir tudo porque saiu da fazenda sem nada, o fazendeiro só jogou as coisas dele na rua e a partir daqui é sua vida se vire. E a gente teve que começar tudo do zero, ir para uma casinha que quando chovia molhava tudo, alagado tudo, botava filho em cima da cama, e aquela coisa. Chegou um tempo que meu pai teve que trabalhar para fora e ficava 2 meses e nesses dois meses a gente ficava comendo só abóbora quando tinha, se não, comia o que tinha, tipo, dividia um ovo para 5 pessoas, 5 irmão, situação bem difícil mesmo.

Assim, essas histórias de vida vão se encontrando num ponto aglutinador da ENFF. Objetivos de vida que se encaminham para uma formação que dê base para uma libertação do círculo vicioso da fome e da miséria.

Caldart (2001) afirma que esse processo de engajamento e empoderamento dos sujeitos, que leva à realização de sonhos, só acontece com uma educação transformadora, como a do MST e da ENFF, e só se faz possível com uma prática radical de humanização. Para ela, a luta no MST é:

Uma luta que permite a um ser humano *parar de morrer* só pode nos trazer lições fundamentais de pedagogia, principalmente se acreditarmos que em tempos de desumanidade crescente, a educação somente tem sentido com uma prática radical de humanização, ou de formação humana em seu sentido mais inteiro, e profundo. (CALDART, 2001, p. 03)

A formação na Escola Nacional Florestan Fernandes tem como proposta de educação a formação política de pessoas envolvidas com movimentos sociais, em especial do Movimento do Sem Terra. Porém, nos últimos anos, essa escola e suas ações têm se expandido a outras instituições dos países e do exterior, como destaca uma dos participantes:

A escola já não é mais uma escola do MST, a gente diz que é uma escola da classe trabalhadora, que quer formar sujeitos para transformar a sociedade hoje, desde a perspectiva da classe trabalhadora, e hoje, para a classe trabalhadora do mundo. Nós temos curso aqui que atende todos os continentes, a depender de como a gente organiza os cursos, em qual ênfase cada curso dá, vem pessoas de vários países (sujeito 07).

Para planejar suas ações educativas as escolas do MST, e aí se inclui a ENFF, desenvolve um planejamento coletivo, cujos princípios estão descritos no “Dossiê MST Escola” (2005), em que defende uma educação que propicie, entre outros aspectos, um processo de escolarização com o objetivo de consolidar uma formação humana e de capacitação de sujeitos com vistas a lutar pela justiça social e dignidade para todos.

Pizzeta (2007) explica que ao entrar no MST, o indivíduo passa por um processo de negação e afirmação, e tal afirmação corrobora com um trecho da fala do sujeito 06.

Aí minha mãe cansou de sofrer, na fazenda alheia, que sai de uma fazenda e vai para outra, mas meu pai, e disse não, vamos ver se a gente consegue uma terrinha, e nesse momento, a gente, eles conhecem o MST (...) Ai ocuparam a fazenda, que era até da banda Mastruz com Leite, era a banda, dono da Mastruz com Leite, e era muito extensa a fazenda, muito, muito, muito extensa. Entraram com 210 famílias, e como teve muita represália, muita pessoa não aguentou e voltou embora, ficou com 110. Aí eles ficaram uns 6 anos acampados e depois de seis anos eles conseguiram se assentar (...) E nesse período eu era da cidade, era aquela menininha que você achava burguesa na verdade, que não gostava do campo, não gostava de nada. E um dia eu fui visitar minha mãe né, aí eu tive todo aquele impacto porque o carro

que eu, eu sempre acostumada na cidade, porque, quando eu era pequena sofri todo daquele processo né, de ser jogada na rua, mas era criança então foi com o tempo fui esquecendo essas coisa e tudo (...), e quando eu já tava grande fui visitar minha mãe (...) e quando eu cheguei eu tive todo aquele choque né, choque do todo, choque cultural, choque emocional, meu Deus. Ai minha irmã começou a me explicar do MST, da formação, da importância do MST, e eu fui gostando, fui gostando. E surgiu uma oportunidade para eu ir para o Fórum Social Mundial, em 2009 em Belém minha primeira atividade né enquanto MST, eu estava me engajando ainda e eu gostei muito, aí logo veio o curso, o curso básico que eles chamam, e eu participei e aí a partir daí comecei me apaixonar mais ainda, gostar da causa, e eu falei não! Agora era cidade para mim, não quero mais a cidade, porque é no campo que ta minhas raízes, porque minha mãe é de lá, meu vô é de lá, todo mundo é de lá, e é lá que eu me encontro, porque era lá que eu sentia assim, essa paz, esse momento enquanto camponesa mesmo, (..) É lá que eu me sentia eu (...) enquanto alguém dentro da sociedade era lá, lá no campo, porque eu me sentir viva, lá no campo e não na cidade, não mais na cidade.

Tais aspectos podem ser contemplados nas narrativas dos participantes deste estudo, em que afirmam ser a educação oferecida pela ENFF orientada pelos seguintes princípios:

[...] é uma prática alinhada a um processo de formação política de consciência, então nós temos isso desde o coração do movimento sem terra, desde o seio de nossa organização, o processo de formação política de consciência, de formação política ideológica. (sujeito 01).

Quando eu entrei no MST que eu fui visualizar realmente o todo, a minha história como brasileira, a minha história como maranhense. Ai eu vi que eu fui enganada por muito tempo, que é isso que eles fazem, eles querem que a gente sempre siga como se fosse um boi, para que eles sempre estejam mandando. É assim que funciona, e o principal foco deles é a educação, é a escola, porque quando o povo conhece realmente, o povo se liberta (sujeito 06).

Percebe-se que os princípios freireanos são referências para a formação humana defendida e praticada na ENFF, em especial, seu conceito de consciência. Segundo Freire (1974), o ser humano é capaz de compreender o mundo, porém, os problemas, os fenômenos e conhecimentos a ele relacionados não são compreendidos de maneira imediata, visto que sua efetivação varia pelo grau de apreensão da realidade pela consciência em um determinado contexto histórico-cultural.

O autor defende há três estágios de consciência, sendo o primeiro a consciência intransitiva, que se apresenta como uma percepção limitada do mundo, estágio em que o ser humano volta-se para as questões mais elementares da sobrevivência, como moradia,

alimentação e vestuário. É mais frequente em sociedades fechadas, em que o ser humano conduz sua existência de forma ingênua, mágica, aceitando os fatos como destino, sem possibilidades de intervenção.

O segundo estado de consciência, de acordo com Freire (2000), é o transitivo, em que o homem aumenta a compreensão da realidade e responde de forma um pouco mais consistente às situações de seu ambiente, entretanto sem o viés crítico ante o estabelecido, sendo ainda permeado pela ingenuidade, mas com possibilidade de ser provocada e instigada pelo diálogo, pela problematização, para que se constitua em uma consciência crítica.

Para Freire (1992) é por meio de uma educação problematizadora que o desenvolvimento da consciência crítica é instigado, o que é possível pela exposição permanente da realidade, em uma imersão das consciências, o que provoca sua inserção crítica perante os problemas, pois: “[...] através da problematização do homem mundo ou do homem em suas relações com mundo e com os homens, possibilita que esses aprofundem sua tomada de consciência da realidade na qual e com a qual estão inseridos.” (FREIRE, 1992, p. 33).

É recorrente em todos os documentos votados à educação, seja do MST, como também da ENFF, a efetivação de uma educação que proporcione a consolidação de uma consciência crítica nos educandos, o que foi reafirmado pelos sujeitos da pesquisa, sendo que, para alguns, é a partir do trabalho educativo desenvolvido nesta perspectiva que o engajamento e a participação ativa no movimento se consolidam.

Associado ao objetivo de desenvolver a consciência crítica dos alunos, alguns sujeitos destacaram que a educação na ENFF transcende os conteúdos mais tradicionais e acadêmicos, voltando-se também para uma formação integral do ser humano:

É, aqui na escola [...] é essa concretude, do que é o pensamento de formação no MST de maneira geral, que é pelo menos dois grandes eixos que se interligam, que é a elevação do nível de consciência das pessoas [...] e também formar o ser humano na sua perspectiva integral. Não são dimensões separadas (sujeito 07).

Pizzeta (2010) destaca que a ENFF é diferente, pois nela a ação e a reflexão de Paulo Freire são aliadas e comungam com o trabalho libertador de Florestan Fernandes, e, para manter este ideal, foi criada a Associação dos Amigos da ENFF, que busca:

Manter o funcionamento permanente de uma estrutura como a ENFF não é tarefa fácil. Os estudantes não pagam nada para estudar, ter alimentação, material didático, acesso à internet etc. No entanto, contribuem com a manutenção da escola por meio do trabalho diário, tanto nos serviços domésticos, como também na parte produtiva (horta, pomar, suínos, aves, coelhos, vacas de leite). Uma parte do que consumimos na Escola é produzido aqui mesmo e outra parte da alimentação vem dos próprios assentamentos (PIZZETA, 2010, p.35).

Os sujeitos participantes deste estudo reconhecem este processo de trabalho e zelo pelo local como parte da formação e valorizam as práticas voltadas à subsistência e manutenção da Escola, como destaca o sujeito 02:

O processo de educação aqui está desde o processo da lavagem de roupa, da lavagem de pratos, de manter o ambiente agradável e limpo. Então, é um processo pedagógico que vai formando o sujeito para além dessa questão do conhecimento mais específico, vai formando o sujeito no seu dia a dia, para o dia a dia.

Ao serem questionados quanto à importância da ENFF em sua formação, alguns participantes destacaram a importância da formação também estar voltada para a coletividade:

No nosso espaço de formação, e a gente acredita que a formação política dentro de um processo amplo de construção de uma nova sociedade é mais que essencial para a elevação do nível de consciência dos sujeitos e sujeitas e a construção da liberdade individual e coletiva do povo que se organiza e luta assim. (sujeito 01).

[...] eu vejo como de suma importância a educação popular, a educação crítico-reflexiva, porque nos forja além do que o ensino formal, pautado ai pelos setores mais conservadores, desperta a um nível de consciência muito maior do nosso papel na sociedade, não só de nosso papel, mas no nosso papel de como transformar uma sociedade que seja mais justa, mais igualitária, onde todos possam viver bem. (sujeito 02).

E ela também faz com que o dia a dia, a vivência, o respeito, o companheirismo, seja bem mais visto, seja aquela coisa que eu necessito do outro e o outro necessita de mim, e que junto a gente soma na luta e faz com que a luta a cada dia se fortaleça. [...] E para isso a educação é muito importante, e aqui a educação é mais engajada ainda, porque tem aquele processo que você não está só se educando enquanto escola, mas ta no trabalho também, é uma educação que não foge do trabalho, tem que andar junto, conciliado, e a ENFF dá ênfase nisso, fortalece isso (sujeito 06).

Essas afirmações evidenciam a amplitude da educação voltada oferecida pela ENFF para a vida concreta, em que contempla o conhecimento acadêmico e os saberes de um viver coletivo, que segundo alguns sujeitos têm como objetivo de reconhecer o potencial do coletivo, o que é reafirmado pelo sujeito 05:

O que eu sinto que mudou em mim foi aquele fato do eu, eu senti que mudou o eu. Porque antes eu tinha um pensamento que eu era o mais forte, só existia o eu, não existia o nós. Eu não sabia que eu era individualista, digamos assim. Depois que eu conhecer os mecanismos do MST, os princípios do MST, comecei a conhecer a educação do MST, conhecer o MST em si, eu realmente percebi que além de mim existe o outro, e para que eu possa me fortalecer, eu necessito do outro, igual o outro que necessita de mim. E quando a gente faz este engajamento do todo, de todas as pessoas, a gente se torna forte, e essa educação dentro da ENFF me mostra isto, que é importante toda a gente ter esse princípio, essa comoção de ta se preocupando com o todo, principalmente com essas pessoas que são vistas como... este povo que ficou além das margens da sociedade.

Tal perspectiva contrapõe-se à tendência atual individualista, fruto da globalização e da intensificação de políticas neoliberais, que favoreceram a expansão do consumo excessivo e supérfluo, questões, entre outras, que foram modificando as formas de viver e de conviver, que foram agravando ainda mais a segregação, o preconceito, a exclusão social etc.

Para Boff (2013a), o tipo de sociedade que está em desenvolvimento coloca em risco a essência humana, uma vez que as formas de ser, estar, conviver e participar do mundo passa por modificações intensas, que evidencia que:

Enfrentamos uma crise civilizacional generalizada. Precisamos do um novo paradigma de convivência que funde uma relação mais benfeizora para com a Terra e inaugure um novo pacto social entre os povos no sentido de respeito e de preservação de tudo o que existe (BOFF, 2013a, p.18).

O fenômeno descrito por Boff (2013b) desencadeou a falta de zelo e de desrespeito entre os humanos, o que é perceptível no descuido com o destino dos pobres e marginalizados, nas relações sociais e com o ambiente, na desvalorização das culturas etc.

Fica evidente que a ENFF consegue instituir uma educação que valorize uma nova forma de viver em sociedade, uma maneira mais humanizada e sensível com os excluídos, o que fica evidente nos relatos dos participantes deste estudo, uma formação que visa “[...]”

humanizar o humano, rasgar-lhe o horizonte de suas capacidades e habilidades e incentivá-los na busca de sua realização” (BOFF, 2013a, p.136).

Outra questão relevante que o estudo apontou foi que além dos conhecimentos específicos voltados à formação acadêmica, a ENF se apresenta como um espaço formador, um espaço de vivências e experiências múltiplas, com aproximações de narrativas diversas que desvelam experiências que favorecem um diálogo com uma pluralidade de culturas, como destaca o sujeito 06:

Porque aqui na escola há esse encontro de níveis de pensamentos diferenciados de todas as partes do mundo, de outros continentes. É aqui que a gente se encontra e começa a trocar ideias e experiências [...] realmente, tem um do Haiti, um da África, em todos os lugares, então a gente está unificado, e a gente percebe que o internacionalismo é importante, e a escola faz com que isso seja fortificado, porque isso unifica e fortalece. (Sujeito 6)

Uma educação que proporciona encontros de múltiplas culturas, de partilhas de experiências que expandem a ação formativa para a pluralidade, para o respeito às diferenças, mais, entendendo-as como um fator relevante para sua formação, reconhecendo o potencial na união entre os povos, na internacionalização das lutas pela dignidade humana.

Alguns sujeitos apontaram as diferenças entre a educação nos assentamentos e na ENFF com as escolas públicas

A gente fala que só o sujeito consciente é capaz de compreender e construir a sua própria liberdade, então a gente sabe do embate que a gente tem nesse sentido pela estrutura engessada do Estado [...] nós temos uma sociedade completamente engessada num sistema de educação, consumida pela intervenção da indústria cultural influenciada muito pelos norte-americanos, que é a cultura hegemônica, o capitalismo como hegemonia e modelo de sistema social. (sujeito 01).

[...] aqui na Escola Nacional Florestan Fernandes a gente tem muito mais autonomia, porque não é uma escola estatal. Na escola do estado você tem algumas coisas no campo burocrático que aqui a gente não tem que dar conta (sujeito 04).

É evidente a diferença da educação oferecida pelos movimentos sociais e a estatal, que, em grande parte, orienta-se por políticas neoliberais, que, segundo McCarthy et al (2011), introduziu a ética de mercado no âmbito educacional, em que:

[...] as reformas escolares estão sendo discutidas em termos comerciais, e expressões como “futuros consumidores”, “futuros trabalhadores”, e “futuros pagadores de

impostos” estão sendo usadas para fazer referência às crianças e jovens em idade escolar (McCARTHY et al, 2011, p.55).

Alguns sujeitos explicitam as diferenças entre a educação da escola estatal e a oferecida pelos assentamentos do MST e da ENFF, entre os quais temos um relato sobre a avaliação da aprendizagem:

[...] o processo de avaliação, na escola a gente também tem um processo de avaliação. No primeiro momento era por nota, mas depois passou a ser por parecer, porque a proposta foi aprovada pelo Conselho Estadual. Nesta ideia de pensar ser uma escola, sim, que pense mesmo na dinâmica de formação das crianças ligada à luta do acampamento [...] tem crianças, adolescentes, jovens, que ficam a vida toda estudando na escola. Então, lá estes aspectos são pouco dosados (sujeito 04).

O sujeito 03 amplia a reflexão sobre os processos avaliativos, ao apontar o fracasso escolar como uma preocupação do movimento:

[...] porque muitas crianças passaram por ciclos de reprovação, porque os filhos do sujeito sem terra andam em busca de trabalho. Então tem uma trajetória escolar de muitas reprovações (sujeito 03).

O sujeito 04 também diferencia as escolas do MST das escolas de educação formal que estão sob a responsabilidade do Estado:

Eu avalio assim. A forma como se faz educação, dessa forma dos acampamentos, assentamentos, ela contribui para que se possa ter sujeitos com mais capacidade de melhorar a forma de produzir em cooperativa. Porque aqui você tem vivência de crianças que desde a infância já aprendem a viver coletivamente, a ter práticas e experiências de vidas coletivas, ou seja, isso ajuda para a própria comunidade. Quando se transforma em assentamento, para que se possa ter uma comunidade melhor organizada, que as pessoas tenham a prática de vida coletiva (sujeito 04).

Os docentes também foram lembrados pelos sujeitos, que apontam o comprometimento desses profissionais com o movimento e a formação das crianças nos assentamentos:

Hoje 80% dos professores são de fora, são professores formados em história, filosofia, mas se comprometem com o projeto dentro do assentamento, dentro do acampamento, e isso é uma coisa positiva. Mas daí o Estado, por exemplo, não dá condições para o professor ir ao assentamento. A mesma condição do que tá do lado da cidade, que mora do lado da escola, e o outro que vai 70 km lá pro campo [...] essas são questões que a gente vê, aquilo que

o Estado tem, a própria dimensão da escola pública da cidade e a do campo (sujeito 04).

Para Morissawa:

“A escola do MST tinha que ser diferente: professores que fossem simpatizantes da luta pela reforma agrária; conteúdos incluindo a história do MST; livros contendo as experiências dos sem terras e relação professor-aluno constituindo uma relação de companheiros.” (MORISSAWA, 2001, p.239).

Nota-se que os professores que atuam nos assentamentos, como também na ENFF, têm consciência do compromisso social que assumem ao atuar com movimentos sociais, como defendem Apple et al (2011, p.17):

Os educadores críticos devem também agir juntamente com os movimentos sociais apoiados por seu trabalho ou com os movimentos contra os pressupostos direitistas e com as políticas que analisam criticamente. [...] Devemos participar e dar nosso conhecimento especializado aos movimentos que se voltam às lutas por uma política de redistribuição e por uma política de reconhecimento.

Os autores defendem que os educadores devem usar o privilégio como acadêmicos/ativistas para abrir novos espaços, em busca de propiciar tempos e espaços formativos para os que ainda não têm voz, pois “[...] devemos nos envolver no processo de reposicionamento, isto é, devemos ver o mundo pelos olhos dos despossuídos e agir contra os processos ideológicos que reproduzem condições opressivas” (APPLE et al, 2011, p.14).

Constatamos um exemplo desta busca de atuar por meio de uma pedagogia crítica na fala do sujeito 06, ao explicitar seus objetivos e novas ações que objetiva implantar que transcendem o nosso país, uma busca em atuar em outros espaços de exclusão em uma perspectiva emancipadora:

Se juntar, se somar, eles enfraquecem. E ai quando eu vi que essa educação do MST é diferenciada, que eu me vejo na sociedade, que eu sou daqui, eu me sinto liberta [...] Vou para a África do Sul, Johannesburgo, eu e outra companheira. A gente vai trabalhar especificamente com agroecologia, com a saúde, gênero e juventude. Por isso eu me formei pelo Pronera, eu fiz Licenciatura em Educação no Campo. (sujeito 6)

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Os objetivos deste trabalho eram descrever a educação Escola Nacional Florestan Fernandes por meio das narrativas dos estudantes que demonstram como ocorre a formação

de lideranças do Movimento Sem Terra. Entende-se que esses objetivos foram atingidos uma vez as vozes desses educadores e educandos demonstram o processo transformador daqueles que passam por ela.

Este estudo deixou claro que a ENFF tem suas bases educacionais construídas nos fundamentos deixados por Paulo Freire e, neste sentido, cria um posicionamento crítico diante da realidade e faz o sujeito emergir do torpor que os paradigmas cristalizados da educação bancária vem sustentando há séculos.

Pode-se, assim, afirmar que a ENFF em seus 13 anos de vida tem a marca de uma escola que resiste à máquina da opressão. Uma escola onde o diálogo educador-educando leva ao descobrimento de um mundo novo, cheio de possibilidades para a população que espera há muitas décadas a possibilidade de ter uma terra e produzir, e assim, trabalhar no sustento da família.

As narrativas demonstram que pessoas que nasceram em condições desfavoráveis, em regiões empobrecidas e esquecidas pelas políticas públicas, desabrocharam para problemas que precisam ser resolvidos, em diferentes partes do país e do mundo como se vê nas falas. Essas histórias de vida e de luta dão conta do movimento interior dos participantes deste estudo, do despertar da resiliência e de entender que existe um sistema opressor, para o qual a educação crítica pode ser capaz de criar competências e habilidades para romper com padrões impostos.

Este estudo tem limitações, uma vez que há poucas publicações na área e novos estudos podem ser feitos com líderes de movimentos sociais egressos da escola a fim de se ter um panorama mais amplo sobre o tema.

*Os autores agradecem a Bolsa Capes de Mestrado e à bolsa de pesquisa da FAEP – Fundação de Amparo ao Ensino e à Pesquisa de Mogi das Cruzes.*

## REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. et al. **O mapeamento da educação crítica**. In: APPLE, M. W.; AU, Wayne; GANDIN, Luis A. Educação Crítica: análise internacional. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade**: o que é, o que não é. Petrópolis: Vozes, 2013a.
- \_\_\_\_\_. **Saber cuidar**. Petrópolis: Vozes, 2013b.
- CALDART, Roseli Salete. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo. **Estud. av.**, São Paulo , v. 15, n. 43, p. 207-224, Dec. 2001 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142001000300016&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300016&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 26.01.2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142001000300016>
- CARTER, Miguel. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a democracia no Brasil. **Agrária**, São Paulo, Nº 4, pp. 124-164, 2006 Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/102/102>. Acesso em 05.02.2019.
- CASTRO, Josué. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. 11. Ed. – Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- MCCARTHY, Cameron et al. Movimento e estase na reorientação neoliberal da escolarização. In: APPLE, M. W.; AU, Wayne; GANDIN, Luis A. **Educação Crítica**: análise internacional. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- MST. Caderno de Educação n. 13 – Edição Especial. Dossiê Escola. **Documentos e estudos 1990-2001**. Iterra, 2005.
- MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. X
- PIZZETA, Adelar. Na ENFF o conhecimento constrói consciências. In: **Revista Sem Terra**. Nº 55, ano XII. 2010, p. 30-35.